



**VENDEDOR**

**Renata Soltanovitch**

## O vendedor

Não é saudável julgar as pessoas e pode até ser perigoso desdenhá-las.

### O vendedor

Este conto foi escrito originalmente em 2020, sob o título “*O vendedor de cuecas*”. Agora, em 2026, decidi trazê-lo de volta ao meu site, com algumas alterações, como forma de entretenimento e também como convite à reflexão sobre o tema central da narrativa.

É justamente pelo conteúdo desta obra que os direitos estão sendo oferecidos à associação “**mulheresdaluz.com.br**”.

Confesso não conhecer essa instituição — foi a própria busca do Google que me indicou — mas o propósito me pareceu válido, especialmente em relação ao que este conto aborda.

Se meus textos têm como objetivo contribuir de alguma forma, espero que este cumpra sua função. Por isso, convido o leitor a visitar o site da associação e verificar de que maneira pode apoiar essa iniciativa.

E, acima de tudo, destaco que a missão principal da “Associação Mulheres da Luz” e que me pareceu mais relevante, é **alfabetizar mulheres**, um trabalho que considero essencial e que merece ser fortalecido. Caso, porém, o leitor perceba que a associação não tem como objetivo ajudar mulheres, peço que me avise, para que eu possa buscar outra instituição que realmente cumpra esse papel.

Boa leitura!

## **O vendedor**

### **CAPÍTULO I**

O ponto escolhido pelo vendedor de cuecas não poderia ser mais estratégico: as escadarias da Rua Conselheiro Furtado com a Rua Conde do Pinhal, a poucos passos do Fórum João Mendes.

Zé Mané, como era conhecido entre os ambulantes, era um nordestino de meia-idade e estatura mediana. A cabeça chata, motivo de tantas zombarias na infância, já não lhe pesava — agora era apenas uma marca de sua figura.

Seu ofício chamava atenção: vendia cuecas. Não as clássicas, discretas ou elegantes, mas modelos de boca larga e cores improváveis, que iam do verde-musgo ao vermelho-vinho. Nada sexy, nada sofisticado. Ainda assim, surpreendentemente, havia quem as comprasse — e comprasse bem.

Era justamente esse público que despertava a curiosidade do delegado Paul.

Coreanos, chineses, japoneses. Qualquer um que tivesse os olhos puxados e falasse uma língua difícil de decifrar. Conversas amistosas entre eles, para quem não entendia, soavam como discussões acaloradas prestes a explodir. Mas não eram apenas asiáticos que se aproximavam da banca improvisada. Haitianos, africanos, bolivianos, cubanos — todos que circulavam por aquele pedaço podiam se tornar fregueses.

Os únicos que passavam incólumes eram magistrados e advogados. E não eram poucos: diariamente desembargadores cruzavam aquelas escadarias rumo aos gabinetes da Rua Conde de Zarzedas.

Zé Mané, porém, conhecia bem seu público. Quando percebia tratar-se de uma autoridade, mantinha-se discreto, sem oferecer nada. Mas bastava identificar um potencial cliente para que, com seu jeito simpático e conversa fácil, apresentasse as cuecas coloridas.

O dinheiro que arrecadava seria suficiente para pagar aluguel, comprar mantimentos e sustentar, sem luxo, mulher e filhos. Mas essa era apenas a fachada.

Na verdade, Zé Mané não tinha aluguel, nem mulher, nem filhos. Ele era agente especial do DHPP, ligado diretamente ao chefe da polícia, Abraão.

No início, o DHPP não deu muita importância ao primeiro caso: um chinês morto a facadas após sair de um karaokê na Avenida Liberdade. Afinal, a cidade já vivia mergulhada em violência, e os criminosos não demonstravam qualquer respeito pelas decisões do Judiciário — tampouco pelos magistrados.

O detalhe curioso era o local do crime. O karaokê funcionava literalmente no porão de um boteco.

À primeira vista, quem passava pela rua acreditava que o bar servia apenas cerveja barata para os estudantes da faculdade vizinha, que cabulavam aula em busca de diversão. Mas quem conhecia o ambiente sabia que havia muito mais por trás daquela fachada.

Dentro do boteco, uma passagem discreta levava a escadarias estreitas e frias.

Descendo por elas, chegava-se a um túnel subterrâneo que desembocava em um amplo salão. Ali, coreanos de diferentes idades disputavam concursos de karaokê, enquanto mulheres seminuas circulavam entre as mesas servindo bebidas e distribuindo sorrisos.

O vencedor da noite recebia prêmios misteriosos, nunca divulgados, mas sempre entregues por pelo menos duas belas mulheres.

A concorrência era acirrada, mas havia uma regra clara: só participava quem cantasse na língua deles.

### **CAPÍTULO III**

O chinês esfaqueado tombou em frente ao boteco, no meio da multidão de estudantes, pouco antes das onze da noite.

Ninguém viu quem o atacou. Apenas se deram conta quando o homem já agonizava no chão, cercado por poças de sangue.

Em poucos minutos, os jovens embriagados formaram uma roda em volta dele, observando sua luta pela vida até que a morte, silenciosa, cumprisse seu papel.

Não houve ambulância. Apenas horas de espera pelo carro do IML, enquanto a Polícia Militar, chamada às pressas, isolava a área e aguardava a chegada da polícia científica.

O delegado Paul foi convocado imediatamente por seu chefe, Dr. Abraão.

### **CAPÍTULO IV**

Menos de dois dias depois, outra morte estranha abalou o bairro. Um coreano foi encontrado sem vida — e sem as pernas.

Seu corpo jazia na Rua Conselheiro Furtado, esquina com a Praça Almeida Júnior. O local era mal iluminado, sem câmeras de segurança, frequentado apenas por usuários de drogas. Uma verdadeira minicracolândia.

Aquela região do centro de São Paulo carregava histórias antigas e sombrias. Muitos acreditavam que era mal-assombrada, já que ali perto, na Rua dos Estudantes, existira um dos primeiros cemitérios da cidade, destinado a forasteiros e escravos.

O delegado que acompanhava a perícia logo percebeu um detalhe perturbador: o jovem coreano, de corpo robusto, vestia uma cueca vinho com etiqueta idêntica às vendidas por Zé Mané.

A dúvida era crucial: teria sido morto ali mesmo, com as pernas arrancadas em seguida, ou apenas deixado naquele ponto após o crime?

“Por que sem as pernas?”, questionava, intrigado, o chefe da polícia, Dr. Abraão.

## **CAPÍTULO V**

No dia seguinte à morte do coreano, a violência voltou a assombrar o bairro da Liberdade. Na esquina da Rua Tomaz de Lima com a Rua Santa Luzia, três jovens haitianos, aparentando entre 16 e 18 anos, foram executados com tiros certos no peito.

Todos tinham passagem pela polícia. Se a lei fosse eficiente, não estariam soltos. Eram conhecidos como mulas de traficantes de mulheres e, além disso, praticavam pequenos roubos pelo centro apenas por diversão.

Mas o que realmente chocou o delegado Paul não foi o crime em si, e sim a brutalidade da mensagem deixada nos corpos. Os três foram encontrados com os olhos perfurados e as mãos decepadas.

Aquilo não era apenas violência. Era um recado. E Paul sabia disso.

## **CAPÍTULO VI**

A ligação entre os crimes começava a se desenhar: todos aconteciam no centro de São Paulo, nas imediações do Fórum João Mendes, e todas as vítimas vestiam cuecas vendidas por Zé Mané.

Isso levantava uma dúvida inquietante: estaria ele envolvido de alguma forma, ou apenas servia de elo involuntário entre os mortos?

— Nem pensar — cortou Dr. Abraão, firme. — Zé Mané é homem da minha confiança. Está infiltrado ali justamente para apurar os casos de tráfico de mulheres.

Paul manteve o silêncio, mas sua mente fervilhava.

— Sabemos que elas estão atuando no karaokê próximo dali — concluiu Abraão, encarando o delegado.

— E é isso que você vai descobrir. A imprensa está me pressionando, o governador também. Você sabe o peso disso — acrescentou o chefe da polícia, em tom grave.

Paul sentiu o peso da responsabilidade. Os crimes eram brutais, as pistas escassas, e agora havia uma conexão direta com o disfarce de Zé Mané. O mistério se adensava, e a investigação começava a se tornar um jogo perigoso.

## **CAPÍTULO VII**

Paul conheceu Roberta pelas redes sociais. Eram tantos amigos em comum que ele sequer se preocupou em investigar de onde ela vinha ou em que cidade morava.

Roberta era linda: cabelos cor de mel, olhos de cores vivas que pareciam mudar conforme a luz. As mensagens entre eles se tornaram frequentes, depois diárias, até que Paul percebeu estar completamente apaixonado. Não a ponto de perder o foco da investigação — pois era apaixonado pelo trabalho — mas o suficiente para não perceber qualquer mentira que pudesse vir dela.

Após meses de conversas, finalmente se encontraram. Roberta, para não levantar suspeitas, foi ao encontro de ônibus, mesmo tendo condições de viajar com motorista particular. Queria mostrar simplicidade.

O encontro foi intenso. Abraçaram-se como velhos conhecidos e viveram momentos de entrega apaixonada. Para Paul, cada instante era vivido com intensidade, como quem sabe que a vida pode ser breve. Para ela, havia prazer na sedução, na forma como ele se entregava.

Mais tarde, já no loft pequeno e charmoso de Paul, compartilharam uma refeição simples. Roberta observava-o lavar a louça e se encantava com aquele gesto cotidiano. Aproximou-se, envolveu-o com carinho e, mais uma vez, a paixão entre os dois se reacendeu.

E comidinhas depois do amor, ela, vendo-o lavar louça naquele loft, pequeno, mas charmoso, excitou-se novamente e, encostando seu corpo nu em suas costas, desceu suas mãos macias e de unhas bens feitas até alcançar-lhe o pênis e masturbá-lo a ponto de ele gozar.

## **CAPÍTULO VIII**

Naquele dia, Paul não buscava sexo. Queria apenas ver Roberta, sentir sua presença, o perfume que o enlouquecia.

Chegou ao encontro com uma pizza simples nas mãos. Ela já o esperava, com o vinho decantando sobre a mesa. Paul não fazia ideia de que aquela garrafa

custava quase o valor de seu salário. Mas isso pouco importava: estava cego de amor.

Jantaram juntos, e enquanto ele lavava a louça, Roberta aproximou-se por trás, abraçando-o com delicadeza. O calor de seu corpo, a suavidade de seus gestos, despertaram nele uma paixão que não conseguia controlar.

Logo estavam novamente entregues um ao outro. Para Paul, cada instante ao lado dela era único, vivido com intensidade e entrega. Para Roberta, havia prazer na sedução e na forma como ele se deixava envolver.

Paul sabia, com a certeza de quem nunca havia sentido algo semelhante, que amava aquela mulher.

## **CAPÍTULO IX**

Quem não gosta de preliminares mente ou esqueceu há muito tempo o quanto podem ser intensas. Beijos, provocações, o corpo seminu — Roberta sabia exatamente como deixar Paul fora de si.

Mas seu objetivo não era apenas seduzi-lo. O foco principal era desviar a atenção dele da investigação. Paul era o melhor, escolhido pessoalmente pelo governador, que estava sob forte pressão da comunidade local. As eleições se aproximavam, e era urgente encontrar o culpado e colocá-lo atrás das grades.

Quando Paul chegou à casa de Roberta, ela o esperava de calcinha e camiseta. Não queria entregar-se logo de cara, embora soubesse que ele era o melhor amante que já tivera. Sua intenção era outra: precisava de informações sobre a investigação.

Roberta acreditava que poderia convencê-lo de que estava escrevendo um romance policial. Fingindo digitar em seu notebook, começou a fazer perguntas

sutis, tentando arrancar detalhes. Paul, apaixonado demais, inventava respostas vagas, desviava o assunto, e se deixava levar pelo desejo.

Enquanto ela digitava, ele se aproximava, provocando-a com carícias. Roberta, por sua vez, usava cada gesto para misturar prazer e manipulação. O encontro terminou em paixão, mas o verdadeiro jogo estava acontecendo nas entrelinhas: Roberta buscava segredos, e Paul, sem perceber, estava cada vez mais vulnerável.

## **CAPÍTULO X**

Apesar da insistência de Roberta em pressionar Paul sobre os detalhes da investigação, o delegado mantinha o foco. Sabia que o tráfico de mulheres estava por trás de tudo, mas um insight começou a incomodá-lo: e se Roberta não fosse apenas curiosa?

Decidiu agir.

— Chefe Abraão, acredito que estou muito próximo de descobrir o mandante. Gostaria de sua autorização para envolver as investigadoras Bia e Samantha neste caso.

Abraão franziu o cenho. — O que você quer com as meninas? Elas já estão ocupadas com a investigação do assassinato daquela repórter de TV... — interrompeu-se de repente. — Espere um pouco.

Chamou Alice, fotógrafa da equipe, e pediu que mostrasse as imagens arquivadas em seu celular do local do crime da repórter.

Ao analisar as fotos, Abraão bateu a mão na testa. — Como não pensei nisso antes?!

— Paul, veja — disse, apontando para uma das imagens. Ao lado do corpo da repórter, aparecia uma etiqueta. O vento a havia levado antes da perícia, mas a foto registrava o detalhe.

— Parece ser a etiqueta das cuecas do Zé Mané — concluiu Abraão.

Paul sorriu, meio malicioso. — Aquelas de boca larga e cores esquisitas?

Abraão não perdeu tempo. Ligou para Antonio, conhecido por sua memória impecável. Antonio confirmou que vira a etiqueta rasgada, sem nome, mas lembrava de um desenho peculiar: a figura de um homem com a cabeça desproporcionalmente maior que o corpo.

Era a marca de Zé Mané.

Abraão não tinha dúvidas: aquilo era um código. As etiquetas estavam surgindo como pistas ocultas, espalhadas pelos crimes. E decifrá-las poderia ser a chave para revelar quem estava por trás de tudo.

## **CAPÍTULO XI**

Roberta ligava insistentemente para Paul. O delegado, embora tomado pelo desejo de vê-la, preferiu esperar. Havia algo estranho em suas perguntas sobre os crimes. Não era apenas curiosidade, nem o interesse de uma aspirante a escritora, como ela dizia.

Seu pensamento foi interrompido quando as investigadoras Bia e Samantha entraram em sua sala trazendo uma garrafa de café e três xícaras.

— Dr. Paul — disse Bia —, o Dr. Abraão nos informou que você acredita que a morte da repórter tem ligação com os assassinatos dos estrangeiros. É isso mesmo?

— Sim — respondeu Paul. — Além de todos os crimes terem ocorrido nas imediações do Fórum João Mendes e do bairro da Liberdade, há um detalhe comum: as cuecas vendidas por Zé Mané.

— Até os três adolescentes mortos com tiros no peito? — perguntou Samantha.

— Sim. Antonio acabou de confirmar por mensagem — disse Paul.

— Então temos como ligação das mortes o bairro da Liberdade, o Fórum João Mendes e as cuecas do Zé Mané. Certo? — concluiu Bia.

Paul assentiu.

— Ah, e a repórter — continuou Bia. — Foi morta por estrangulamento pelo namorado. Ele estava ao lado do corpo, transtornado, dizendo ser culpado porque acreditava que ela era prostituta. Mas... onde está esse namorado?

— Preso — respondeu Paul. — Eu mesmo o interroguei. Estava completamente alterado, misturara álcool com êxtase. Dizia que havia matado a namorada por ser prostituta, mas acreditava que ela era apenas estudante de jornalismo.

— Na verdade, ela estava disfarçada para entrar no karaokê e investigar o tráfico de mulheres — acrescentou Samantha.

Nesse momento, o telefone de Paul voltou a tocar insistentemente. Era Roberta. Ele saiu da sala para atender.

— Oi, meu amor. Desculpe, estou no meio de uma reunião e de uma investigação. Não posso falar agora.

Sem esperar resposta, desligou. Já começava a se cansar da insistência dela.

## **CAPÍTULO XII**

Roberta não se deu por satisfeita com as desculpas de Paul. Decidida, apareceu na delegacia. Queria saber, a qualquer custo, sobre a investigação.

Levou quatro caixas de pizza da melhor pizzaria da região e algumas garrafas de refrigerante. As pizzas ainda estavam quentes quando chegou.

— Desculpe, meu amor — disse, com os olhos brilhando. — Estava morrendo de saudades e trouxe pizza para todos.

Paul se derreteu diante daquele olhar. Permitiu que ela entrasse em sua sala e chamou as investigadoras Samantha e Bia, além do cabo da GCM Diogo, que havia passado para dar informações, acompanhado de Antonio.

Sentados em uma mesa improvisada, todos saboreavam a pizza quando Diogo relatou:

— Dr. Paul, vi Zé Mané na região central completamente bêbado, acompanhado de uma bela mulher. Não é do feitio dele se embriagar em operação. A mulher o acariciava e, em poucos segundos, entraram juntos em um prédio abandonado na Rua Conselheiro Furtado. Ele fez sinal para que eu fosse embora.

Nesse momento, o chefe Abraão, exausto após quase vinte horas de trabalho, entrou na sala ao ouvir o relato. Seu olhar pousou desconfiado sobre Roberta.

— Delegado Paul, na minha sala, por favor — disse em tom grave.

Abraão suspirou. — Estou exausto, o governador está no meu pé. Adoro pizza, mas me diga: quem é aquela mulher de olhos coloridos ouvindo relatos de uma investigação sigilosa?

— É minha namorada, Roberta. Ela trouxe pizza. Faz dias que não consigo dar atenção a ela, então veio até aqui — explicou Paul.

Após dez minutos de sermão, o telefone de Abraão tocou.

— Delegado-chefe Abraão falando.

— Chefe, é Ariel. Recebi uma ligação privada: encontraram o corpo de Zé Mané na Rua Conselheiro Furtado, próximo ao ponto onde vendia cuecas. Estou indo para lá com meu carro blindado, mas preciso de reforços.

Abraão fechou os olhos por um instante. — Meu Deus, parece que esta noite não vai acabar!

Ainda ao telefone, ordenou: — Paul, leve sua equipe imediatamente para o local. E outra coisa: mantenha sua namorada fora disso. Quero ela fora da delegacia agora.

Quando todos se foram, Abraão permaneceu. Observava Roberta com atenção. Algo em sua memória a reconhecia de outro lugar. E decidiu segui-la.

### **CAPÍTULO XIII**

Zé Mané foi encontrado morto, uma facada certa no pescoço. Ao lado do corpo, uma carta deixava um recado perturbador: que os investigadores deixassem as moças em paz. “Cada um com sua jornada”, dizia. E concluía com uma frase seca: **“Quer sexo? Que pague por isto.”**

Paul determinou a preservação imediata do local e o início da perícia. A noite prometia ser longa.

Enquanto isso, na delegacia, Roberta permanecia sozinha na sala de Paul, arrumando os restos do jantar. Disfarçadamente, tirava fotos de documentos espalhados sobre a mesa. Curiosa, abriu uma pasta no escaninho do delegado e começou a fotografar páginas inteiras, sem perceber que estava sendo observada.

Abraão, atento, aproximou-se silenciosamente. Num gesto rápido, tomou o celular das mãos dela. Na tela, uma mensagem revelava o local exato onde Zé Mané havia sido encontrado.

Arrojado, Abraão deu voz de prisão a Roberta e chamou outros policiais para formalizar o flagrante.

Roberta não pediu advogado. Declarou-se jornalista, alegando que estava apenas em busca de um furo de reportagem.

— Dr. Abraão, sou mera jornalista. Também quero saber o que aconteceu com minha amiga repórter — disse, com expressão de inocência.

Mas Abraão não acreditou. Vasculhou o celular e, em seguida, ligou para um juiz amigo, solicitando ordem de busca em sua residência.

— De novo... — murmurou Abraão. — O que Paul tem de bom policial, tem de dedo podre para escolher mulher.

As investigações revelaram que Roberta não era apenas curiosa. Usava sua beleza para aliciar jovens, transformando-as em gueixas ou prostitutas nos karaokês da Liberdade.

Foi indiciada como traficante de mulheres.

Abraão, experiente e incansável, sabia que ainda havia muito trabalho pela frente. Depois de perder a delegada Deborah assassinada, preparava-se para

receber a jovem delegada Raquel, vinda do interior. Era hora de treinar mais uma policial, formar uma nova equipe de inteligência. O crime não descansava.

E o delegado Abraão também não.

#### **CAPÍTULO XIV**

A prisão de Roberta abalou profundamente Paul. O delegado, acostumado a lidar com criminosos frios e calculistas, não conseguia aceitar que a mulher por quem se apaixonara estivesse envolvida no tráfico de mulheres.

Abraão, por sua vez, mantinha o foco. Sabia que o caso estava longe de terminar. O assassinato de Zé Mané e a descoberta das etiquetas eram apenas peças de um quebra-cabeça maior.

Foi nesse cenário que chegou à capital a jovem delegada Raquel, vinda do interior. Trazia consigo a reputação de ser determinada, inteligente e implacável. Abraão a recebeu pessoalmente.

— Delegada Raquel, você não veio para aprender apenas. Veio para enfrentar o que há de mais sombrio nesta cidade. O crime aqui não dorme, e nós também não podemos dormir.

Raquel ouviu em silêncio, mas seus olhos revelavam firmeza. Sabia que estava entrando em um jogo perigoso, onde cada passo poderia custar caro.

Na primeira reunião com Paul e sua equipe, Raquel mostrou-se atenta a cada detalhe. Perguntou sobre as conexões entre os crimes, sobre as etiquetas, sobre o karaokê. E, ao final, fez uma observação que deixou todos em silêncio:

— Se Roberta estava infiltrada, não agia sozinha. Alguém maior está por trás. E esse alguém ainda está solto.

Abraão assentiu. — Exatamente. É por isso que você está aqui. Vamos precisar de inteligência, coragem e sangue frio.

A noite caía sobre São Paulo, e a sensação era de que o verdadeiro inimigo ainda nem havia mostrado o rosto.

## **CAPÍTULO XV**

A delegada Raquel não demorou a mostrar a que veio. Logo em sua primeira noite na capital, acompanhou Paul até a região da Liberdade. O karaokê, que tantas vezes aparecera nas investigações, era agora o alvo direto.

Com olhar atento, Raquel observava cada detalhe: as mulheres circulando pelo salão, os homens embriagados, os seguranças discretos nas sombras. Tudo parecia um espetáculo cuidadosamente montado para esconder algo maior.

Paul, ainda abalado pela prisão de Roberta, tentava manter o foco. Raquel percebeu sua tensão, mas não comentou. Sabia que o coração dele era uma vulnerabilidade que poderia comprometer a investigação.

De repente, um detalhe chamou sua atenção: uma das garçonetes, ao servir uma mesa, deixou cair discretamente um bilhete dobrado. Raquel foi rápida. Pegou o papel antes que alguém percebesse.

O bilhete dizia apenas: “As etiquetas são a chave. O próximo alvo está mais perto do que imaginam.”

Raquel mostrou o bilhete a Paul. Ele respirou fundo. — Isso confirma o que já suspeitávamos. Alguém está usando as etiquetas como código.

Abraão, informado pelo celular, respondeu com firmeza:

— Então decifrem esse código. Porque se não descobrirmos logo, haverá mais mortes.

Raquel guardou o bilhete no bolso. Seus olhos brilhavam com determinação. Era apenas o começo de sua jornada, mas já sabia que estava diante de um inimigo invisível, inteligente e cruel.

A noite fria de São Paulo parecia esconder segredos em cada esquina. E agora, com Raquel na equipe, a caçada ganhava uma nova força.

## **CAPÍTULO XVI**

O caso parecia encerrado com a prisão de Roberta e a morte de Zé Mané. Mas Abraão sabia que o crime não se resumia a nomes isolados. O verdadeiro inimigo era maior, invisível, e se alimentava da vulnerabilidade das mulheres que circulavam pelas ruas do centro de São Paulo.

Naquela região, conhecida por sua prostituição noturna histórica, jovens eram aliciadas com promessas falsas e acabavam presas em um ciclo de exploração. Muitas delas eram as mesmas que apareciam nos karaokês da Liberdade, transformadas em mercadoria de luxo para clientes estrangeiros.

Paul, ainda ferido pela descoberta sobre Roberta, caminhou pelo Centro ao lado de Raquel. Observava aquelas mulheres, cada uma com sua história, cada uma sobrevivendo como podia. Entendeu, naquele instante, que a investigação não era apenas sobre assassinatos, mas sobre vidas invisíveis que precisavam ser ouvidas.

Abraão, com sua experiência, resumiu em poucas palavras:

— O crime não está apenas nos becos escuros. Está na fragilidade legislativa e na quantidade absurda de processos judiciais tramitando.

Foi então que decidiram: os direitos autorais daquela investigação transformada em história, seriam destinados a uma Associação que pudesse retirá-las daquele meio, concedendo à elas esperança e principalmente a alfabetização. Um gesto simbólico, mas necessário.

O conto se encerrava ali, mas a luta permanecia. Porque, enquanto houver exploração, haverá também aqueles que busquem uma justiça mais ágil e uma segurança mais eficaz — para que possamos caminhar pelas ruas sem o risco de sermos mortos ou de perdermos nossos bens para aqueles que se dedicam à prática do mal.

**Fim e até a próxima história.**